

Primeiro Acto

(Salão da casa austeramente decorado, de modo a representar aquela que pode ter sido a sala do trono de Henrique IV no palácio imperial de Goslar. Mas, no meio dos móveis antigos, dois grandes retratos modernos a óleo, em tamanho natural, sobressaem da parede do fundo, colocados a pouca altura do chão, sobre um rodapé saliente em madeira trabalhada que corre ao longo de toda a parede (largo e proeminente, por forma a poder servir de assento, como uma longa bancada), um à direita e outro à esquerda do trono, o qual, a meio da parede, interrompe o rodapé e nela se insere, com o seu assento imperial e o seu baldaquim baixo. Os dois retratos representam um senhor e uma senhora, ambos jovens e disfarçados com trajes carnavalescos, ele de «Henrique IV» e ela de «Matilde da Toscana». Portas à direita e à esquerda.)

Ao erguer do pano, os dois pajens, como se tivessem sido surpreendidos, levantam-se do rodapé sobre o qual estavam deitados e vão postar-se ao pé do trono como estátuas, um de cada lado, com as suas alabardas. Pouco depois, pela segunda porta à direita entram Arialdo, Landolfo, Ordulfo e Bertoldo, jovens pagos pelo marquês Carlo di Nolli para representarem os papéis de «conselheiros secretos», vassallos reais da baixa aristocracia da corte de Henrique IV. Estão, por conseguinte, vestidos de cavaleiros alemães do século XI. O último, Bertoldo, cujo nome é Fino, assume as funções pela primeira vez. Enquanto lhe dão indicações, os três

companheiros vão gozando com ele. Toda a cena deve ser representada com engenhosa vivacidade.

LANDOLFO (*para Bertoldo, como quem prossegue uma explicação*)

— E esta é a sala do trono!

ARIALDO — Em Goslar!

ORDULFO — Ou também no castelo de Hartz, se quiseres!

ARIALDO — Ou em Worms.

LANDOLFO — Conforme o episódio que representarmos, ela salta conosco, ora para cá, ora para lá.

ORDULFO — Para a Saxónia!

ARIALDO — Para a Lombardia!

LANDOLFO — Para as margens do Reno!

Um dos PAJENS (sem perder a compostura, mal mexendo os lábios) — Pst! Pst!

ARIALDO (*voltando-se ao chamamento*) — O que é?

PRIMEIRO PAJEM (*continuando como uma estátua, em voz baixa*)

— Entra ou não entra?

Alude a Henrique IV.

ORDULFO — Não, não. Está a dormir; estejam à vontade.

SEGUNDO PAJEM (*saindo da pose rígida tal como o primeiro, respirando fundo e indo estender-se de novo sobre o rodapé*) — Oh, santo Deus, já podiam ter dito!

PRIMEIRO PAJEM (*abeirando-se de Arialdo*) — Por favor, tem um fósforo?

LANDOLFO — Ai! O cachimbo, aqui dentro, não!

PRIMEIRO PAJEM (*enquanto Arialdo lhe estende um fósforo aceso*)

— Não, vou fumar um cigarro.

Acende-o e vai também deitar-se sobre o rodapé, fumando.

BERTOLDO (*que tem estado a observar, entre admirado e perplexo, olhando a toda a volta da sala, e em seguida olhando para as suas vestes e para as dos companheiros*) — Mas, desculpem... esta sala... este vestuário... Qual Henrique IV?... Eu não estou a compreender bem. É ou não o de França?

A esta pergunta, Landolfo, Arialdo e Ordulfo desatam a rir ruidosamente.

LANDOLFO (*continuando a rir e indicando Bertoldo aos companheiros, que também continuam a rir, como se os convidasse a fazerem ainda mais troça dele*) — O de França, diz ele!

ORDULFO (*tal como acima*) — Pensou que era o de França!

ARIALDO — Henrique IV da Alemanha¹, meu caro! Dinastia dos Sálíos!

ORDULFO — O grande e trágico imperador!

LANDOLFO — O de Canossa! Aqui suportamos, dia a dia, a medonha guerra entre o Estado e a Igreja! Oh!

ORDULFO — O Império contra o Papado! Oh!

ARIALDO — Os antipapas contra os papas!

LANDOLFO — Os reis contra os anti-reis!

ORDULFO — E guerra contra os Saxões!

ARIALDO — E todos os príncipes rebeldes!

LANDOLFO — Contra os próprios filhos do imperador!

BERTOLDO (*protegendo a cabeça com as mãos, sob esta avalanche de informações*) — Já percebi! Já percebi! Por isso é que eu não estava a compreender, vendo-me equipado desta maneira a entrar nesta sala! Bem disse eu: isto não era vestuário de mil e quinhentos!

ARIALDO — Mas qual mil e quinhentos!

ORDULFO — Aqui, estamos entre mil e mil e cem!

LANDOLFO — Podes fazer as contas: se a 25 de Janeiro de 1071 estamos em frente de Canossa...

1 Pirandello inspirou-se num episódio histórico para criar as personagens e a trama desta peça. Henrique IV da Alemanha (1050-1106), imperador do Sacro Império Romano-Germânico, entrou em conflito com o papa Gregório VII, defensor da prevalência do poder espiritual sobre o temporal, o que, entre outras medidas, anulava as nomeações eclesiásticas (as investiduras, a que o texto alude mais à frente) feitas pelas autoridades laicas. Na sequência das divergências, Gregório VII excomungou Henrique IV, que assim se viu enfraquecido perante os feudatários alemães fiéis ao papado, motivo que o levou a humilhar-se num acto de submissão ao papa, em Canossa (1077), onde este era hóspede da marquesa Matilde. Não evitou, contudo, uma segunda excomunhão em 1080, por incumprimento das promessas então feitas. O imperador, por seu lado, conseguiu depor Gregório VII no concílio de Bressanone (1080) — facto a que o texto também alude —, substituindo-o por Clemente III. Em italiano, a expressão «ir a Canossa» significa humilhar-se, reconhecendo os próprios erros. (*N. T.*)

BERTOLDO (*mais confuso que nunca*) — Oh, meu Deus, mas então é uma desgraça!

ORDULFO — Pois é! Se julgavas que estavas na corte de França!

BERTOLDO — Toda a minha preparação histórica...

LANDOLFO — Meu caro, aqui é quatrocentos anos mais cedo! Parece um miúdo!

BERTOLDO (*enfurecendo-se*) — Mas podiam ter-me dito, por amor de Deus, que se tratava de Henrique IV da Alemanha e não de França! Nos quinze dias que me deram para me preparar, só eu sei quantos livros folhee!

ARIALDO — Desculpa lá, mas não sabias que aqui o pobre do Tito era Adalberto de Bremen?

BERTOLDO — Mas qual Adalberto! Eu não sabia a ponta de um corno!

LANDOLFO — Não, estás a ver como é? Uma vez morto Tito, o marquesinho Di Nolli...

BERTOLDO — Foi justamente ele, o marquesinho! O que é que lhe custava dizer-me...?

ARIALDO — Talvez julgasse que tu sabias!

LANDOLFO — Não queria admitir mais ninguém para o substituir. Parecia-lhe que os três que restávamos fôssemos suficientes. Mas ele começou a gritar: «Adalberto foi expulso». Porque o pobre do Tito, percebes?, não lhe pareceu que tivesse morrido, mas sim que os bispos rivais de Colónia e de Mogúncia o tinham expulsado da corte, na sua qualidade de bispo Adalberto.

BERTOLDO (*segurando a cabeça com as duas mãos*) — Mas eu não sei peva dessa história toda!

ORDULFO — Então, estás arrumado, meu caro!

ARIALDO — E a chatice é que nem nós sabemos quem tu és.

BERTOLDO — Nem vocês? Não sabem quem é que eu devo representar?

ORDULFO — Humm! «Bertoldo».

BERTOLDO — Mas quem é Bertoldo? Porquê Bertoldo?

LANDOLFO — «Expulsaram-me o Adalberto? Então agora quero o Bertoldo! Quero o Bertoldo!» Começou a gritar assim.

ARIALDO — Nós olhámos os três uns para os outros: Quem será esse Bertoldo?

ORDULFO — E aqui estás tu, meu caro «Bertoldo»!

LANDOLFO — E vais fazer uma belíssima figura!

BERTOLDO (*insurgindo-se e fazendo menção de se retirar*) — Ah, isso é que eu não faço. Não, obrigado! Eu vou-me embora! Vou-me embora!

ARIALDO (*segurando-o juntamente com Ordulfo, por entre risadas*) — Não, acalma-te, acalma-te!

ORDULFO — Não serás o Bertoldo da fábula²!

LANDOLFO — E podes consolar-te, pois de resto nós também não sabemos quem somos. Ele, Arialdo; ele, Ordulfo; eu, Landolfo... É assim que ele nos chama. Já estamos habituados. Mas quem somos? Nomes desse tempo! E o teu também será um nome desse tempo: «Bertoldo». De todos nós apenas a um, ao pobre Tito, fora atribuído um papel interessante, como se lê na história: o de bispo de Bremen. Parecia um bispo de verdade. Oh!, magnífico, o pobre Tito!

ARIALDO — Pudera! Tinha estudado tudo bem nos livros!

LANDOLFO — E até dava ordens a Sua Majestade: impunha-se, orientava-o, quase como um tutor e conselheiro. Por isso, também nós somos «conselheiros secretos», mas só para fazer número; porque reza a história que Henrique IV era odiado pela alta aristocracia, por se ter feito rodear na corte de jovens da baixa aristocracia.

ORDULFO — Que seríamos nós.

LANDOLFO — Pois, pequenos vassalos do rei; fiéis, um pouco dissolutos, alegres...

BERTOLDO — Também tenho de ser alegre?

ARIALDO — Evidentemente! Como nós!

ORDULFO — E não é coisa fácil, sabes?

LANDOLFO — É uma pena, de facto! Pois, como vês, aqui teríamos cenário; as nossas roupas prestar-se-iam para fazermos óptima

2 Bertoldo da fábula: referência à personagem criada por Giulio Cesare Croce (1550-1609), ferreiro e contador de histórias que compunha e mandava imprimir, recitando-as e vendendo-as depois pelas praças. Bertoldo era um camponês de aspecto grosseiro mas inteligente, astuto e irreverente, qualidades que vêm a fazer dele conselheiro do rei. Porém, adocece por causa da comida demasiado sofisticada do palácio, e morre, porque ninguém lhe quer trazer «uma panela de feijões com cebola». (N. T.)